

BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

«Um thriller
excepcional.»

*Publishers
Weekly*

PEREGRINO

TERRY
HAYES

TOP
SEL
LER

UMA CORRIDA VERTIGINOSA CONTRA O TEMPO E UM INIMIGO IMPLACÁVEL.

Uma jovem mulher brutalmente assassinada
num hotel barato de Manhattan.

Um pai decapitado em praça pública sob o sol escaldante
da Arábia Saudita.

Os olhos de um homem roubados do seu corpo ainda vivo.

Restos humanos ardendo em fogo lento na montanha
de uma cordilheira no Afeganistão.

Uma conspiração para levar a cabo um crime terrível
contra a Humanidade.

E um único homem para descobrir o ponto preciso
onde estas histórias se cruzam: Peregrino.

«*Peregrino* é simplesmente um dos melhores romances
de suspense que já li. Terry Hayes tem uma prosa forte, diálogos
credíveis e uma soberba trama original que daria para três livros.
Tudo isto com o toque de mestre que o autor claramente possui.»

David Baldacci, autor bestseller internacional



Não importa quantos anos passem, mesmo que eu venha a ter sorte e envelheça ao sol, para mim ele será sempre o Sarraceno. Foi o nome de código que lhe dei no início e passei tanto tempo a descobrir a sua verdadeira identidade que me é difícil pensar nele de outra forma.

«Sarraceno» significa «árabe» ou — de acordo com um uso muito mais antigo da palavra — um muçulmano que combatia cristãos. Se retrocedermos ainda mais no tempo, descobrimos que também já significou «nómada». Todas estas definições lhe assentavam como uma luva.

Ainda hoje, muito do que sabemos sobre ele é fragmentário. O que não é surpreendente, pois passou a maior parte da sua vida a correr por entre as sombras, cobrindo deliberadamente os seus passos, como um beduíno no deserto.

A única coisa que ninguém contesta é que ele era muito jovem quando foi arrastado por uma multidão durante uma decapitação pública. Acontecera em Jidá, a segunda maior cidade da Arábia Saudita e, segundo o consenso popular, a mais sofisticada.

Jidá situa-se na costa do Mar Vermelho e, quando o Sarraceno tinha 14 anos, vivia com os seus pais e duas irmãs mais novas numa moradia modesta na periferia da cidade, suficientemente próximo da água para se conseguir sentir o cheiro do sal. Sei disto porque, anos mais tarde, estive perante a velha casa e fotografei-a.

Como a maioria dos sauditas, o pai do rapaz, um zoólogo, desprezava os Estados Unidos e o país que os jornais árabes diziam ser a sua «prostituta de serviço»: Israel. O seu ódio, no entanto, não se baseava na propaganda, na provação do povo palestino, nem mesmo no preconceito religioso — não, ia muito além disso.

Seria fácil descartar o zoólogo como sendo um extremista, mas, no mundo crepuscular das políticas do Médio Oriente, ele situava-se na ala *moderada* da opinião pública saudita. Todavia, havia algo que o separava da corrente dominante: a sua opinião sobre a família real.

Há muitas coisas que não se podem fazer no reino da Arábia Saudita: pregar o cristianismo, ir ao cinema, conduzir um automóvel se se for mulher, renunciar à fé. Mas acima de tudo isto está a proibição de criticar a Casa de Saud, a dinastia reinante, composta pelo rei, 200 príncipes poderosos e 20 mil membros da família real.

Durante aquele ano, Jidá enchera-se de rumores de que o rei teria permitido a presença de tropas norte-americanas, soldados de uma nação ímpia, na terra sagrada do Profeta. Igualmente perturbadora era a informação filtrada pelos sauditas dissidentes na Europa sobre os príncipes proeminentes que perdiam fortunas nos casinos de Monte Carlo e que esbanjavam relógios de ouro em jovens mulheres de agências de «modelos» em Paris. Como todos os sauditas, o zoólogo sempre soubera dos palácios dourados e do estilo de vida extravagante do rei, mas o mau gosto e a extravagância não eram *haram* — proibidos — no islão. A prostituição, o jogo e o álcool eram-no certamente.

Naturalmente que quem vive na Arábia Saudita pode exprimir o seu desagrado face às políticas do rei e ao comportamento da sua família, chamar-lhe uma ofensa a Deus, se quiser, e até defender a sua destituição à força. Deve apenas assegurar-se de que o faz na segurança da sua mente. Falar sobre o assunto com alguém que não seja a sua mulher ou o seu pai, mesmo da forma mais abstrata, é imprudente. A Mabahith — polícia secreta saudita com uma lei própria — e a sua rede de informadores ouvem tudo, sabem de tudo.

No final de tarde de um dia de primavera, quatro dos seus agentes, a envergar túnicas brancas chamadas *thobes* e o tradicional lenço para a cabeça aos quadrados vermelhos e brancos, visitaram o zoólogo no seu local de trabalho. Mostraram os seus cartões de identificação e conduziram-no para fora do escritório, através de uma área de laboratório e cubículos, em direção ao parque de estacionamento.

As outras 20 pessoas que trabalhavam naquela secção do departamento de Biologia Marinha do Mar Vermelho viram a porta bater atrás dele, sem que ninguém proferisse uma palavra, nem mesmo os seus três amigos mais próximos — um dos quais fora certamente o informador.

Nunca saberemos exatamente quais as acusações feitas ao zoólogo, ou que defesa ele ofereceu, porque os procedimentos

judiciais sauditas, conduzidos em segredo, não se importam com delicadezas morosas tais como testemunhas, advogados, júris ou sequer provas.

A primeira vez que a família do zoólogo soube algo da catástrofe que se abateria sobre eles foi quando ele não apareceu em casa após o trabalho. Depois das orações da noite, fizeram uma série de telefonemas para os colegas dele, que ou não foram atendidos ou foram acolhidos com ignorância forçada: as pessoas sabiam, por uma amarga experiência, que quem os estivesse a ouvir perseguiria quem quer que tentasse ajudar a família de um criminoso. Cada vez mais desesperada, a mulher do zoólogo concordou que o seu filho de 14 anos saísse para tentar encontrá-lo.

Os espetadores começaram a juntar-se bem cedo pela manhã, mal viram as barricadas a serem levantadas e a equipa especial de carpinteiros a erguer a plataforma. São raros os anúncios públicos sobre execuções iminentes no reino, mas, por telefone e passa-palavra, a notícia espalha-se sempre.

Horas depois começavam a desaguar enormes multidões no parque de estacionamento e, quando um rapaz de 12 anos — o melhor amigo do Sarraceno — passou de carro com o pai, soube exatamente o que significava. Era sexta-feira — o dia de descanso para os muçulmanos — e o trânsito estava de tal forma terrível que o miúdo levou mais de uma hora a chegar a casa. Pegou imediatamente na sua bicicleta e percorreu 13 quilómetros para contar ao amigo o que tinha visto.

Receando o pior, o Sarraceno montou na sua moto, com o amigo à boleia, e dirigiu-se para a Corniche, a estrada que acompanha o Mar Vermelho até ao centro de Jidá.

As execuções são praticamente a única forma de entretenimento público permitido na Arábia Saudita — filmes, concertos, dança, peças de teatro e até cafés mistos são banidos. Mas toda a gente é bem-vinda, mulheres e crianças incluídas, para ver alguém a perder a vida. Prescindindo de inovações modernas como injeções letais ou até mesmo um pelotão de fuzilamento, o método saudita parece ser um verdadeiro sucesso de multidões: a decapitação pública.

Estavam cerca de 43 °C na Corniche naquele dia e o calor ondulava no asfalto em ondas tremeluzentes à medida que a moto

todo-o-terreno avançava rapidamente através do trânsito do fim de semana. Mais à frente era o caos: a estrada estava em obras para a abertura de um novo viaduto e a maquinaria de construção bloqueava todas as faixas de rodagem exceto uma, mantendo os carros presos num engarrafamento que se prolongava por vários quilómetros.

A sufocar dentro do seu capacete, o estado de espírito do filho do zoólogo também estava um caos: assustado quase até ao ponto de vomitar, a desejar desesperadamente que fosse um traficante de drogas africano a ser levado para a plataforma. Não se podia dar ao luxo de pensar que, caso estivesse errado, a última visão que teria do pai seria ele a ajoelhar-se no mármore, já com as moscas a zumbir à sua volta, e a espada de prata a desaparecer num jorro de vermelho.

Olhou para o trânsito impenetrável à sua frente, guinou a moto todo-o-terreno e, num redemoinho de pó e detritos, avançou pelo estaleiro das obras repleto de crateras.

Apesar da dimensão da multidão que se juntava para ver o espetáculo, não havia muito barulho no parque de estacionamento — apenas o murmúrio de vozes e o som de um *mullah* a ler o Alcorão através do sistema de anúncios públicos da mesquita. Gradualmente, até as vozes baixas se calaram quando um carro oficial abriu caminho pelo cordão e parou na plataforma.

Um homem bastante encorpado a envergar uma *thobe* branca imaculada saiu do veículo e subiu os cinco degraus da plataforma. Tinha uma tira de couro polida colocada diagonalmente sobre o peito que terminava na anca esquerda, destinada a segurar uma bainha com uma espada longa e curva. Era o carrasco. O seu nome era Sa'id bin Abdullah bin Mabrouk al-Bishi e era reconhecido como o melhor no ramo em todo o reino, tendo a sua reputação assentado principalmente num procedimento conhecido como «amputação cruzada». Muito mais difícil do que uma mera decapitação e infligida como castigo por assaltos em estradas, requer o uso rápido de facas feitas por medida para cortar a mão direita e o pé esquerdo do prisioneiro. Tendo-se aplicado diligentemente neste processo, Sa'id al-Bishi tinha, ao longo dos anos, elevado de forma constante o padrão dos castigos públicos da Arábia Saudita. Agora, só ocasionalmente é que o público via um carrasco a ter de golpear

repetidamente a cabeça ou membros de um prisioneiro para os conseguir separar do corpo.

Devolvendo as saudações de vários espetadores, al-Bishi quase não tivera tempo de se familiarizar com o seu espaço de trabalho quando viu uma carrinha branca a avançar pelo meio da multidão. Um polícia levantou uma barreira e o veículo com ar condicionado parou ao lado dos degraus. A multidão inclinou-se para a frente para vislumbrar o ocupante quando as portas de trás se abriram.

O zoólogo saiu da carrinha para a confusão, descalço, vendado com um pano branco largo e com as mãos algemadas atrás das costas.

Sabia exatamente onde se encontrava e o que estava a acontecer: um oficial do suposto Ministério da Justiça viera à sua cela 40 minutos antes e lera-lhe um decreto formal. Foi então que soube ter sido condenado à morte. Algumas testemunhas disseram que, quando dois polícias de uniforme o encaminharam lentamente pelos degraus da plataforma, ele levantou a cara em direção ao sol e tentou endireitar os ombros. Com certeza não queria que o seu filho e filhas ouvissem dizer que o pai não fora corajoso.

O rapaz passou com a moto por cima das mangueiras de incêndio usadas para aspergir os sobrecarregados trabalhadores do Bangladeche e impedir que desmaiassem com o excesso de calor, serpenteando depois através de uma floresta de colunas de cimento. Tinha cerca de sete minutos para chegar à praça.

O zoólogo, de olhos vendados na plataforma, sentiu uma mão cair no seu pescoço e a empurrá-lo para baixo. Pertencia ao carrasco, que queria que ele se ajoelhasse. Enquanto se baixava, a sensação do sol na cara indicava-lhe que estava virado para Meca, a 65 quilómetros de distância. A sua casa ficava diretamente no seu caminho e, só de pensar na mulher e nos filhos, sentados entre os seus belos muros, sentiu um arrepio de perda a atravessar-lhe o corpo.

O carrasco agarrou o ombro do homem — o espadachim já estivera naquela posição várias vezes e sabia exatamente quando um homem precisava de ser sossegado. Ouviu-se uma voz de comando no sistema de anúncios públicos da mesquita.

Por toda a praça, desde o edifício austero do Ministério de Negócios Estrangeiros até à relva em frente à mesquita, milhares de pessoas ajoelharam-se em oração viradas para Meca. Como

qualquer muçulmano devoto, o zoólogo sabia as palavras de cor e proferiu-as em uníssono com a multidão. Também sabia a sua duração exata: de acordo com uma estimativa razoável, tinha mais quatro minutos de vida na Terra.

O rapaz, meio cego pelo pó levantado pelas guinadas da moto, só reparou num dos montes de barras de aço demasiado tarde. Quando se apercebeu, já tinha uma das barras, levantada uns 30 centímetros acima das outras, enfiada entre os raios da roda da frente.

Quando lá chegou o primeiro dos automobilistas que, chocados, presenciaram a cena a partir da Corniche, as orações no parque de estacionamento haviam terminado e a multidão começava a levantar-se. O carrasco aproximou-se do prisioneiro ajoelhado e a praça inteira emudeceu. O homem da espada ajustou ligeiramente o ângulo do pescoço do zoólogo e os espetadores mais próximos assistiram a uma pequena troca de palavras entre eles.

Muitos anos depois, falei com várias pessoas que estiveram na praça naquele dia. Entre elas estava Sa'íd al-Bishi, o carrasco. Tomei chá com ele no *majlis* — a sala de estar formal — da sua casa e perguntei-lhe o que dissera o zoólogo.

— É raro que um homem consiga dizer alguma coisa naquela situação — disse-me Sa'íd al-Bishi —, por isso é claro que nos lembramos. — Respirou fundo. — Foi breve, mas disse-o com convicção. Disse-me: «A única coisa que interessa é que Alá e o povo saudita perdoem os meus pecados.»

Al-Bishi calou-se e olhou em direção a Meca — era tudo, aparentemente. Acenei com reverência.

— *Allahu Akbar* — respondi. «Deus é grande.»

Ele deu mais um gole no chá, olhando para o vazio, perdido em pensamentos sobre a sabedoria que um homem encontra nos seus últimos momentos. Continuei a olhar para ele, mexendo a cabeça sabiamente. A única coisa que não se pode fazer num país árabe é acusar um homem de ser mentiroso, por mais indiretamente que seja.

Como consequência, limitei-me a olhar para ele, enquanto continuou a contemplar a sabedoria.

Por fim, o carrasco começou a mexer-se desconfortavelmente na cadeira e olhou para mim de relance para ver se eu era apenas do tipo sossegado ou se estava realmente à espera da verdade.

Não tirei os olhos dele e ele riu-se.

— Você é inteligente, para um ocidental — comentou —, por isso vamos lá conversar sobre o que ele disse realmente, certo?

» Quando me baixei para o prisioneiro, disse-lhe para expor o pescoço o máximo possível e para não se mexer, o que facilitaria as coisas a ambos. Ele pareceu não se importar, apenas se aproximou mais. Alguém lhe deve ter magoado o interior da boca, talvez com um elétrodo, porque tinha dificuldade em falar. «Conhece o rei?», murmurou ele.

» Apanhou-me de surpresa, mas disse-lhe que tinha tido a honra de me ter encontrado várias vezes com Sua Majestade.

» Ele assentiu com a cabeça como se já o esperasse. «Da próxima vez que estiver com ele, diga-lhe o que disse uma vez um norte-americano: “Pode matar-se um pensador, mas não se pode matar o pensamento.”»

Não precisei de perguntar o que aconteceu depois, já que outras pessoas que estiveram no parque de estacionamento naquele dia me contaram. Quando al-Bishi terminou a sua breve troca de palavras com o prisioneiro, soprou uma forte brisa vinda do Mar Vermelho — quase toda a gente a mencionou por estar tão quente no asfalto. O carrasco levantou-se e desembainhou a sua espada num movimento fluido. Recuou um único passo em relação ao prisioneiro e mediu a distância com o seu olhar de perito antes de firmar bem os pés no chão.

O único som que se ouvia era o da estática do sistema de anúncios públicos da mesquita. Al-Bishi segurou a espada horizontalmente, endireitou as costas e levantou o queixo para acentuar o seu perfil — quando o conheci não pude deixar de reparar na sua vaidade. Com uma mão apenas, levantou a espada bem alto e, no momento em que atingiu o vértice do seu arco, todos os olhos da praça a seguiram, quase cegados pelo sol branco diretamente por cima.

Fez uma pausa, com a espada a resplandecer, como se estivesse a aproveitar ao máximo o dramatismo da situação; apertou então a outra mão à volta do punho e desceu a lâmina com uma velocidade estonteante. O gume da lâmina atingiu o zoólogo exatamente na nuca. O prisioneiro não se moveu, como lhe tinha sido pedido.

A coisa que toda a gente conta é o som — alto e molhado, como alguém a abrir uma melancia à paulada. A lâmina cortou a coluna

vertebral do zoólogo, as artérias carótidas e a laringe, até separar a cabeça do corpo.

Rolou pelo mármore, a piscar as pálpebras, seguida de um arco de sangue proveniente das artérias cortadas. O torso sem cabeça do zoólogo pareceu flutuar por instantes, como se estivesse em choque, deslizando então para a frente para cima dos seus próprios fluidos.

O carrasco, de pé, com a sua *thobe* sem qualquer marca, olhou para baixo para o seu trabalho, a estática no sistema de anúncios foi substituída por uma oração muçulmana, um enxame de moscas começou a juntar-se e a multidão na praça desatou a bater palmas.

O jovem filho do morto — a ofegar com o esforço de ter tentado correr, todo pisado no lado esquerdo do corpo e com um lenço enrolado à volta de uma mão ensanguentada — coxeou até ao parque de estacionamento pouco depois de o corpo do pai ter sido carregado para a frescura surpreendente da carrinha branca. Era por esse motivo que a carrinha possuía ar condicionado: não para o conforto dos vivos, mas para inibir o fedor dos mortos.

A maioria dos espetadores já se fora embora, deixando apenas os polícias para desmontar as barricadas e um par de trabalhadores do Bangladeche para lavar o mármore.

O rapaz olhou em volta, tentando ver alguém conhecido para lhe perguntar a identidade do prisioneiro executado, mas os homens moviam-se rapidamente para escapar ao vento, puxando os lenços axadrezados para baixo como os beduínos, para proteger a cara. Do outro lado do relvado, o *muezzin* — o assistente do líder da mesquita — fechava as portadas de madeira, selando o edifício contra o que cada vez mais se assemelhava a uma forte tempestade de areia.

Vergastado pelo vento, o rapaz correu e chamou-o através das grades de ferro, pedindo que lhe desse um nome, uma profissão. O *muezzin* virou-se, escudando a cara da areia e gritando em resposta. O vento levou-lhe a voz, por isso o rapaz ouviu apenas uma palavra. «Zoólogo.»

As imagens das câmaras de vigilância sauditas que monitorizavam a praça — descobertas muito tempo depois — mostravam que o *muezzin* voltou para o seu trabalho e nem sequer reparou no rapaz a virar costas e a olhar fixamente para a plataforma de mármore, com o corpo a ser fustigado pelo vento quente e com o coração

obviamente consumido por uma desolação absoluta. O rapaz não se mexeu durante vários minutos e, determinado a agir como um homem e não chorar, parecia uma estátua açoitada pelo vento.

Enquanto caminhava pelo redemoinho de areia, as lágrimas libertaram-se finalmente da sua determinação férrea e, sozinho numa cidade que agora odiava, soltou um único e terrível grito. Mais tarde, as pessoas disseram-me que fora um uivo de desgosto, mas eu sabia que não. Era o grito primordial do nascimento.

Através de um processo tão sangrento e doloroso quanto o seu equivalente físico, o Sarraceno nascera para o terrorismo num parque de estacionamento varrido pelo vento no centro de Jidá. Com o tempo, devido ao amor eterno que sentia pelo pai, iria tornar-se um crente fervoroso no islão conservador, num inimigo de todos os valores ocidentais, num destruidor confesso da monarquia Fahd e num apoiante da *jihad* violenta.

Obrigado, Arábia Saudita, obrigado.

2

A primeira coisa que nos espanta na Sala Oval é ser bem mais pequena do que parece na televisão. Já o presidente, por outro lado, pareceu-me bem maior.

Com quase 1,90 metros, o casaco despido e uns papos enormes debaixo dos olhos, ergueu-se de detrás da secretária, apertou-me a mão e indicou-me que deveríamos ir até aos sofás no canto. Quando me voltei para lá, percebi que não estávamos sozinhos: havia um homem sentado no escuro. Eu já deveria ter adivinhado — era a pessoa que punha as aranhas em movimento, aquele que quis, sem sombra de dúvida, que eu compreendesse que a convocatória era inegociável.

— Olá, Scott — disse ele.

— Olá, Sussurros — respondi.

Noutros tempos, encontrávamo-nos com frequência. Vinte anos mais velho, já abria caminho até ao topo da hierarquia dos

serviços secretos enquanto eu era uma superestrela em ascensão na Divisão. E então as Torres Gémeas caíram e eu segui um caminho diferente. As pessoas dizem que nessa tarde — e a desoras na noite de 11 de Setembro — ele escreveu um texto extenso e desconcertante que desconstruía toda a comunidade de serviços secretos dos EUA e os seus respetivos fracassos.

Embora ninguém que eu conheça alguma vez o tenha lido, seria tão feroz na sua apreciação aos agentes — incluindo ele próprio — e tão implacável nas suas críticas ao FBI e à CIA que não haveria esperança para a sua carreira assim que entregasse o documento ao presidente e aos quatro líderes do Congresso. Como o homem inteligente que era, já deveria saber qual seria o resultado: suicídio profissional.

Em vez disso, quando se tornou evidente a verdadeira dimensão do desastre, o presidente da altura considerou que ele era a única pessoa completamente comprometida com a honestidade, em vez de tentar lavar as suas mãos. O lema do Sussurros deveria ser, em latim, «Da Raiva, a Vitória»; daí a um ano foi nomeado diretor dos serviços secretos norte-americanos.

Não posso dizer que durante os nossos encontros profissionais tenhamos gostado muito um do outro, mas houve sempre uma admiração contida, como se um tubarão-branco se deparasse com um crocodilo-marinho.

— Temos um pequeno problema — revelou ele enquanto nos sentávamos. — Está relacionado com varíola.

Eu era agora a décima pessoa ao corrente.

O presidente estava sentado à minha direita e senti-o a olhar para mim, a tentar avaliar a minha reação. O Sussurros também. Mas não reagi — não houve qualquer reação, pelo menos no sentido tradicional do termo. Sim, senti desespero, mas não me surpreendeu. O meu único verdadeiro pensamento foi relativo a um homem com quem eu uma vez me encontrara em Berlim, mas aquela não era exatamente a situação ideal para o referir, por isso limitei-me a assentir com a cabeça.

— Prossiga — disse eu.

— Parece que um árabe... — continuou o Sussurros.

— Não sabemos se ele é árabe — interrompeu o presidente.

— O presidente tem razão — reconheceu o Sussurros. — Pode ser uma tentativa de desinformação. Digamos que um homem

no Afeganistão que disse umas coisas em árabe terá sintetizado o vírus. Nos últimos dias, fez testes em humanos... a sua versão de testes clínicos.

Mais uma vez olharam para mim à espreita de uma reação. Encolhi os ombros — calculei que se alguém se desse ao trabalho de criá-lo queria certamente experimentá-lo.

— E resultou? — perguntei.

— Foda-se, é claro que resultou! Não estamos aqui por ter falhado — disse o Sussurros, irritado com a minha aparente calma. Por um breve momento, achei que ia levantar a voz, mas acabou por não o fazer.

— Além do mais, aparentemente o vírus foi preparado para derrotar a vacina — acrescentou.

O presidente não desviara o olhar de mim. Depois de um novo silêncio da minha parte, abanou a cabeça e esboçou uma espécie de sorriso.

— Já percebi uma coisa em relação a si, não se assusta com facilidade.

Agradei-lhe e preendi o olhar no dele. Era difícil não gostar dele. Como eu referira, nada tinha a ver com um político normal.

— Que mais informações têm?

O Sussurros levou a mão a uma pasta com documentos e entregou-me uma cópia do relatório do Echelon. Assim que a comecei a ler, percebi que nada fora ocultado ou excisado — tinha-me sido entregue informação secreta pura e dura e isso fez-me compreender o estado de pânico deles. Olhando para trás, acho que, conforme a tarde foi dando lugar à noite, eles acreditaram piamente que todo o país se ia desmoronar.

— Duas chamadas — disse o Sussurros enquanto eu pousava o relatório. — Com três dias de intervalo.

— Sim — respondi, pensando no assunto. — O tipo no Afeganistão fez o primeiro telefonema. Ligou para uma cabina telefónica na Turquia, onde uma mulher esperava pela chamada. Ela tinha passado horas a codificar uma mensagem, por isso estava bem ciente de que ele ia ligar. Como é que ela sabia disso?

— Foi combinado previamente — respondeu o Sussurros. — Sabes como é que funciona. Num determinado dia, a uma determinada hora, ele haveria de ligar...

— Do meio do Indocuche? Enquanto testa uma fantástica arma de bioterrorismo? Não me parece; ele não iria arriscar. Acho que o mais provável é ter acontecido algo e ela ter tido a necessidade de falar com ele com urgência. O que significa — prossegui — que ela tem alguma forma de o fazer saber que ele tem de lhe ligar.

O presidente e o Sussurros ficaram sentados em silêncio, a pensar naquilo.

— OK — disse o presidente. — Ela contactou-o. Porque é que o Echelon não ouviu?

— Há muitas possibilidades — disse eu. — Fora da zona de busca, uma mensagem dias antes para um telemóvel desconhecido, um recado entregue em mãos. Pode ser uma coisa qualquer. Eu apostaria numa mensagem inócua num fórum obscuro da Internet.

— Faria sentido — reconheceu o Sussurros. — O homem receberia um alerta de texto automático dizendo que a não-sei-quantos tinha colocado um novo comentário, ou coisa do género.

— Exato, e assim que visse o alerta saberia o seu verdadeiro significado: ligar-lhe. E assim faz, mal tem uma oportunidade, ligando de um telefone completamente diferente. Escuta a mensagem codificada dela e isso dá-lhe certas informações. Também lhe diz para voltar a ligar dali a três dias. Ele assim faz, e essa é a segunda chamada.

— Dois telefonemas e uma espécie de alerta ou mensagem que não podemos identificar — disse o presidente. — Não é muito, mas é tudo o que temos.

Ele olhou diretamente para mim.

— O Sussurros disse-me que você é o homem indicado para ir à Turquia e encontrar a mulher.

— Sozinho? — perguntei, sem querer comprometer-me.

— Sim — disse o Sussurros.

Fazia sentido, pensei. Também eu teria recorrido a um Batedor: alguém que avançaria sob um bom disfarce, uma pessoa que descobrisse o seu caminho ao longo das paredes de uma viela às escuras, um homem que fosse lançado de para-quedas para iluminar o caminho às tropas de assalto que seguiriam na sua esteira. Também sabia que os Batedores não gozavam daquilo a que os especialistas em serviços secretos chamavam «longevidade».

— Não me parece muito entusiasmado — acabou por dizer o presidente, apercebendo-se da ansiedade no meu olhar. — O que é que me diz?

O telefone tocou e calculei, dada a gravidade do que estava ali em discussão, que deveria ser importante — provavelmente a Coreia do Norte teria lançado um ataque nuclear, para terminar em beleza um dia já de si perfeito.

Enquanto o presidente atendeu — e se virou de costas para poder obter alguma privacidade —, o Sussurros abriu o seu telemóvel para consultar as mensagens. Olhei pela janela para o exterior — não era todos os dias que se tinha a oportunidade de apreciar as vistas desde a Sala Oval —, mas a verdade é que não vi nada.

Estava a pensar em sonhos desfeitos, em alcançar a normalidade e cativar uma mulher atraente em Nova Iorque cujo número de telefone eu nunca iria saber. Estava a pensar no 4 de Julho, em dias na praia e em todas as coisas que tão facilmente se perdem. Mas, principalmente, estava a pensar em como o mundo secreto nunca nos deixa em paz — está sempre à espera nas trevas, pronto a reunir os seus filhos.

E então fui acossado por um mau pressentimento em relação ao que se abria diante de mim. Vi-o com tal nitidez como se estivesse do outro lado do vidro. Estava a velejar num velho iate com velas remendadas, com o vento a impelir-me por um mar estranho, apenas com as estrelas a guiar-me na escuridão. O silêncio imperava, um silêncio tão audível que parecia gritar, e vi o barco e eu próprio a ficarmos cada vez mais pequenos. Ao ver-me a desaparecer na água negra e interminável, senti-me assustado, assustado de uma forma avassaladora, como se tivesse chegado ao fim do mundo.

Ao longo de todos estes anos em que passei por situações terríveis de perigo, foi a primeira vez que imaginei ou senti tal coisa. Não é preciso um doutoramento em psicologia tirado em Harvard para se perceber que era a visão da morte.

Completamente abalado, ouvi o presidente a desligar e voltei-me para encará-lo.

— Ia responder-nos — frisou ele. — Vai para a Turquia?

— Quando é que parto? — respondi. Não valia a pena discutir nem queixar-me. Com maus presságios ou não, a vida tem uma forma de nos encurralar. Uma pessoa ou se ergue ou não.

— Pela manhã — disse o Sussurros. — Vais completamente em segredo. Apenas três de nós saberão quem tu és e qual é a tua missão.

— Precisamos de um nome, uma forma de nos referirmos a si — acrescentou o presidente. — Alguma preferência?

O iate e o mar ainda deveriam estar frescos na minha mente, porque, quase sem dar por isso, se me formou de imediato uma palavra nos lábios.

— Peregrino — respondi num tom calmo.

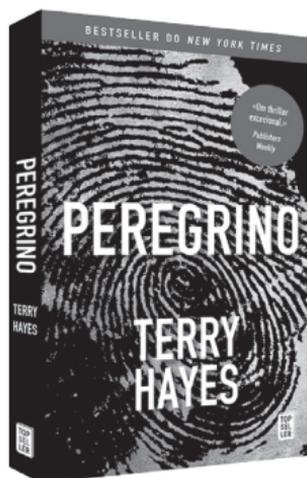
O Sussurros e o presidente entreolharam-se para verificar se haveria alguma objeção.

— Por mim está bem — comentou o Sussurros.

— Sim, parece adequado — reagiu o presidente. — Assim seja... Peregrino.

**Uma Ameaça à escala mundial.
Um único homem para a deter.**

CONTINUE A LER EM:



Topseller, 656 páginas, ISBN 978-989-8491-77-0

«O livro tem mais voltas e reviravoltas do que qualquer outro do gênero publicado em muito tempo. Vai ficar agradavelmente surpreendido ao encontrar um novo tipo de thriller, onde há tanto de cérebro como de músculos.»

New York Times

«Escrito a um ritmo alucinante, capaz de fazer parar o coração, este thriller aterra algures entre *Homeland* e *Breaking Bad*, para depois nos transportar para um nível completamente diferente. Em parte romance de espionagem, em parte thriller psicológico. Voltas e reviravoltas. Personagens emocionalmente complexas. Questões geopolíticas relevantes.»

Wall Street Journal

«*Peregrino* é um verdadeiro thriller do século XXI: um enredo intenso, mas com protagonistas pormenorizadamente desenhados. As reviravoltas na história lembram uma cobra fechada dentro de um saco. O estilo é visceral, corajoso e cinematográfico... Um livro convincente e ambicioso, escrito com habilidade e entusiasmo.»

The Times

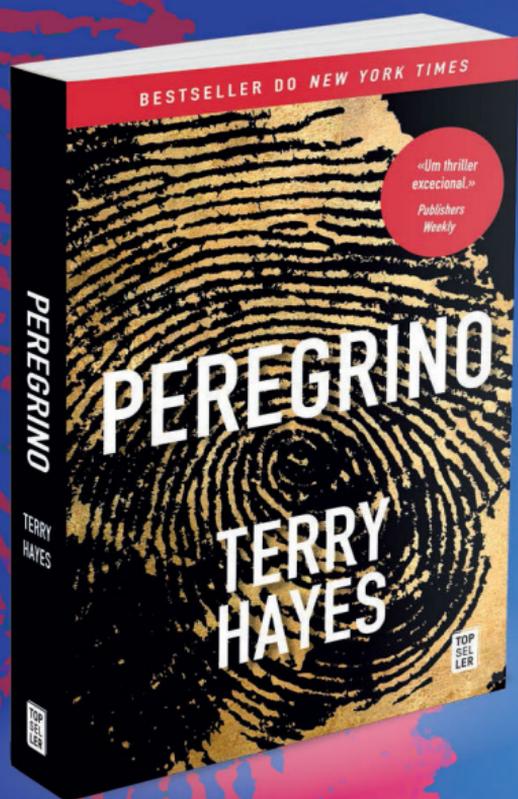
«Um thriller excepcional, com um narrador totalmente credível, que tem tantas identidades secretas que dificilmente se lembrará do seu verdadeiro nome.»

Publishers Weekly

«Malta, é de loucos. É o novo *Em Parte Incerta*, que foi o último livro que eu não consegui mesmo parar de ler. A sério, digam-me o que acharam depois de o lerem. Bastam cinco capítulos e vão ficar doidos.»

Jimmy Fallon

UMA AMEAÇA À ESCALA MUNDIAL. UM ÚNICO HOMEM PARA A DETER.



«UM RITMO ALUCINANTE,
CAPAZ DE FAZER
PARAR O CORAÇÃO.»

Wall Street Journal



«BASTAM CINCO CAPÍTULOS
E VÃO FICAR DOIDOS.»

Jimmy Fallon



«UM DOS MELHORES ROMANCES
DE SUSPENSE QUE JÁ LI.»

David Baldacci



JÁ À VENDA



Clique aqui e
veja o vídeo de
apresentação
deste livro.

www.topseller.pt

**TOP
SELLER**

os livros em primeiro lugar

2022 Editora